

INVISÍVEIS

STEF PENNEY

Invisíveis

TRADUÇÃO DE MAURO PINHEIRO



Copyright © 2011 Stef Penney
Publicado mediante acordo com Quercus Editions Ltd (UK)

TÍTULO ORIGINAL
The Invisible Ones

PREPARAÇÃO
Aline Canejo
Carolina Rodrigues

REVISÃO
Milena Vargas
Clarissa Peixoto

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CAPA
Jem Butcher Design

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
P464i

Penney, Stef
Invisíveis / Stef Penney ; tradução de Mauro Pinheiro. - Rio de
Janeiro: Intrínseca, 2012.

380p. : 23 cm
Tradução de: The invisible ones
ISBN 978-85-8057-228-5

1. Romance inglês. I. Pinheiro, Mauro, 1957-. II. Título.

12-3522.

CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para M

I

ALVORADA CIVIL

CREPÚSCULO

HOSPITAL DE ST. LUKE

Quando acordei, não me lembrava de nada — exceto de uma coisa. E, ainda assim, bem pouco: me lembrava de que estava deitado de costas enquanto uma mulher cavalgava sobre mim, esfregando os quadris nos meus. Tenho a impressão de que isso ocorreu embaraçosamente rápido; mas, no momento, pareceu ter durado algum tempo. O fato é que me lembro de como eu me sentia, mas não de com o que tudo se parecia. Quando tento me recordar do rosto dela, não consigo. Quando tento me recordar do que havia em volta, não consigo. Não consigo visualizar nada. Estou tentando, tentando mesmo, ao máximo, porque estou preocupado.

Depois de algum tempo, algo volta à lembrança: o gosto de cinzas.

Enfim, a perda de memória talvez tenha sido o menor dos problemas. Tecnicamente, encontro-me num estado de “inimputabilidade”. Foi o que a polícia concluiu após me visitar no hospital. O que me aconteceu foi atravessar uma cerca com o carro e bater numa árvore num lugar chamado Downham Wood, perto da divisa entre Hampshire e Surrey. Eu não tinha a menor ideia de onde ficava Downham Wood, tampouco o que estava fazendo por lá. Não me lembro de ter atravessado a cerca e batido na árvore. Por que eu teria — por que alguém teria — feito isso?

Uma das enfermeiras me diz que a polícia não vai levar o caso adiante, devido às circunstâncias.

— Que circunstâncias?

Isso é o que tento dizer, mas minha fala está confusa. Sinto minha língua áspera e mole. A enfermeira parece habituada a isso.

— Tenho certeza de que você vai acabar se lembrando de tudo, Ray.

Ela ergue meu braço direito, estendido feito um pedaço de carne a meu lado sobre o leito e alisa o lençol antes de colocá-lo de volta.

Aparentemente, o que aconteceu foi o seguinte: um homem fazia sua costuma corrida matinal pelo bosque quando viu um carro sair da estrada e se arrebentar em uma árvore. Então, ele percebeu que havia alguém dentro do carro. Depois de correr até a casa mais próxima, chamou a polícia, que chegou com uma ambulância, um carro de bombeiros e equipamentos para o resgate. Para surpresa geral, a pessoa dentro do carro não tinha um arranhão sequer. De início, acharam que estava bêbada; depois, concluíram que devia estar drogada. A pessoa no carro — eu — estava ao volante, mas não conseguia falar ou — a não ser pelas convulsões — se mover.

Era o primeiro dia de agosto, um dia que seria abafado e com céu azul e opaco, como deviam ser os dias de agosto, embora raramente o sejam.

Tudo isso foi transmitido para mim, por alguém de quem não me recordo, enquanto eu estava deitado na cama do hospital. Quem quer que tenha sido, essa pessoa me disse que, durante as primeiras 24 horas, eu não consegui falar nada — uma paralisia havia travado minha língua e os músculos do pescoço, assim como o restante do meu corpo. Minhas pupilas estavam dilatadas; meu pulso, acelerado. O corpo, queimando de calor. Quando tentava falar, eu só produzia uma série de murmúrios e sons ininteligíveis. Na ausência de feridas externas, eles estavam esperando os resultados dos exames que diriam se eu havia sofrido um derrame, ou se havia um tumor no meu cérebro, ou se era, de fato, um caso de overdose.

Eu não conseguia fechar os olhos nem mesmo por um segundo.

Durante aquele período, acho que eu não me incomodava muito com o que havia causado aquilo — confusão, delírio, imobilidade, eu estava atormentado por uma visão apavorante que não conseguia identificar. Eu nem mesmo tenho certeza de que queria identificá-la. Aquilo me perturbava, pois parecia uma lembrança, mas não podia ser o caso, porque uma mulher, por mais misteriosa que seja, não é um cachorro, um gato. Uma mulher não tem patas ou presas. Uma mulher não inspira horror. Fiquei repetindo isso para mim. Estou misturando alucinações e memórias. Não sou responsável. Com um pouco de

sorte, aquilo tudo não passava de um sonho — como nos três primeiros episódios de *Dallas*.

Agora, alguém se inclina sobre mim, o rosto tomado por óculos de aros pretos e espessos; cabelos louros no alto de uma testa ampla e arredondada. Ela me lembra uma foca. Tem uma prancheta nas mãos.

— Muito bem, Ray, como está se sentindo? A boa notícia é que você não teve um derrame.

Ela parece saber quem sou. E eu a conheço de algum lugar, então talvez ela venha aqui todos os dias. Ela fala muito alto. Não estou surdo. Tento dizer isso, mas não sai nada compreensível da minha boca.

— ... nem há indícios de tumor. Ainda não sabemos o que está provocando essa paralisia. Mas está melhorando, não é mesmo? Você parece estar se controlando melhor hoje, não é? Ainda não sente nada no braço direito? Não?

Tento fazer um gesto com a cabeça e dizer sim e não.

— A ressonância magnética não apontou danos cerebrais, o que é ótimo. Estamos aguardando os resultados da toxicologia. Parece que você ingeriu algum tipo de neurotoxina. Pode se tratar de uma overdose. Tomou alguma droga, Ray? Ou comeu algo venenoso? Como cogumelos silvestres, talvez... Você comeu algum cogumelo ou fruta silvestre? Algo assim?

Tento me recordar daquelas imagens escorregadias e traiçoeiras. Eu comi alguma coisa, mas acho que não foram cogumelos. E tenho certeza de que não tomei drogas. Não voluntariamente, pelo menos.

— Acho que não.

As palavras saem da minha boca como se eu dissesse: “ach... ão”.

— Viu alguma coisa estranha hoje de manhã? Consegue se lembrar? O cachorro voltou?

O cachorro...? Será que eu a chamei assim? Tenho certeza de que nunca a chamaria assim.

O nome na plaquinha presa em seu traje branco parece começar com Z. Seu sotaque é incisivo e estridente — talvez de alguém do Leste Europeu. Mas ela e sua prancheta desaparecem antes que eu possa elucidar aquele acúmulo de consoantes.

Penso em danos cerebrais. Tenho tempo de sobra para pensar, deitado aqui — na verdade, não há nada mais que eu possa fazer. Escurece e clareia nova-

mente. Meus olhos ardem pela falta de sono, mas, quando os fecho, é aí que vejo as coisas se arrastando até mim, saindo furtivamente dos cantos, espreitando-me além de meu campo de visão; por isso, fico grato ao que quer que me mantenha acordado. O menor esforço muscular me deixa arfante e exausto; meu braço direito está dormente e inútil.

Posso ver pela janela o sol batendo nas folhas de uma cerejeira. Deduzo, então, que devo estar no primeiro andar. Mas não sei em que hospital me encontro ou há quanto tempo estou aqui. Lá fora, onde se vê uma cerejeira, está quente, há um torpor denso e abafado. Depois de toda a chuva que andou caindo, parece que estamos nos trópicos. Aqui dentro também faz calor; tanto que, finalmente, resolvem desligar o aquecedor do hospital.

Minha condição mental parece melhorar. É como ser catapultado para uma idade extremamente avançada — comendo comida amassada, sendo lavado por estranhos e ouvindo falarem frases simples em voz alta. Não é muito divertido. Por outro lado, não há muito pelo que se sentir responsável.

Agora, outra pessoa: um rosto diferente sobre mim. Este, com certeza, eu reconheço. Cabelos claros e sedosos caindo na testa. Óculos de armação de metal.

— Ray... Ray... Ray?

Uma voz bastante educada. Meu sócio no trabalho. Não sei como vim parar aqui, mas conheço Hen e sei que ele está se sentindo culpado. Sei também que não é culpa dele.

Solto um grunhido, tentando dizer oi.

— Como você está? Parece bem melhor do que ontem. Você se lembra de que eu estive aqui ontem? Tudo bem, não precisa falar. Só quero que saiba que estamos todos pensando em você. Todos mandam lembranças. Charlie fez um cartão para você, olhe...

Ele segura um pedaço de papel amarelo dobrado com um desenho infantil. É difícil dizer o que representa.

— Esse é você na cama. Acho que isso aqui é um termômetro. Olhe só, você está usando uma coroa...

Confio no que ele diz. Hen sorri afetuosamente e põe o cartão sobre uma mesa ao lado da cama — perto de uma xícara de plástico e de uma caixa de lenço de papel para secar minha boca —, onde acaba caindo, sendo frágil demais para ficar em pé sozinho.

• • •

Gradualmente, percebo que volto a falar — primeiro, em fragmentos, frases entrecortadas. Minha língua se enrola nela mesma. Nesse ponto, tenho algo em comum com meu parceiro de quarto — Mike, um sem-teto bêbado e simpático que estive, pelo que diz, na Legião Estrangeira francesa. Formamos uma bela dupla — os dois parcialmente paralisados e propensos a começar a gritar no meio da noite.

Ele me contou sobre o derrame causado pelo alcoolismo do qual foi vítima alguns meses atrás. Mas não foi isso que o trouxe ao hospital. O derrame resultou em graves queimaduras de sol em seus pés porque ele não conseguia senti-los ardendo, e só percebeu que alguma coisa estava errada quando a queimadura começou a gangrenar e a cheirar mal. Agora, estão falando em cortar alguns pedaços de seu corpo. Por incrível que pareça, ele ficou satisfeito com isso. Nós nos damos muito bem, a não ser quando ele começa a praguejar em francês no meio da noite. Como na noite passada — fui arrancado do meu transe sonolento por um berro estridente, ele gritava “*Tirez!*” Depois voltou a berrar, tal como costumam fazer nos filmes de guerra quando estão enfiando a baioneta num saco de forragem uniformizado. Eu me perguntei se não devia tentar fugir — com minhas pernas nesse estado, levaria cinco minutos para sair pela porta se ele voltasse a exteriorizar seus pesadelos.

Meu companheiro de quarto não gosta muito de falar sobre seus dias de legionário, mas fica fascinado quando descobre que sou um detetive particular. Ele insiste em que eu lhe conte algumas histórias (“Ei, Ray... Ray... Está acordado? Ray...”). Estou sempre acordado. Então, conto-lhe algumas num murmúrio monótono, que está melhorando com a prática. Começo a temer que venha me pedir um emprego, embora, pensando bem, provavelmente já tenha passado desse estágio. Ele me pergunta se o trabalho é perigoso.

Faço uma pausa antes de responder.

— Em geral, não.